

MACHADO JUNIOR, Cláudio de Sá. *Imagens da sociedade porto-alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

Zita Rosane Possamai

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunto na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Autora de, entre outros artigos, "Fotografia e cidade". *ArtCultura* (UFU), v. 15, 2008.



Recebido em: 20/05/2009

Aceito em: 25/06/2009

MACHADO JUNIOR, Cláudio de Sá. *Imagens da sociedade porto-alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

O ano de 2009 marca os oitenta anos do lançamento da primeira edição da Revista do Globo, em janeiro de 1929. Sem intenções comemorativas, Cláudio de Sá Machado Junior traz a público livro que descortina a primeira década desta revista gaúcha, cuja circulação chegou até o ano de 1967. Tanto a edição, quanto a pesquisa realizada pelo autor foram financiados pelo Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural – FUMPROARTE –, agência que há mais de uma década subvenciona projetos de âmbito cultural em Porto Alegre. A publicação é modesta e sem o requinte acompanhado das edições compostas por imagens fotográficas, não raras vezes, privilegiando o visual em detrimento de análises mais detidas. Esse aspecto, de forma alguma, diminui a importância do livro, pois este já é de consulta obrigatória para os pesquisadores especializados na história visual brasileira, por trazer informações relevantes sobre a revista e as imagens fotográficas nela publicadas.

A obra subdivide-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo, História com fotografias e cultura visual, considerado de leitura mais árdua pelo próprio autor, é de interesse do público especializado nos estudos sobre a cultura visual. Aqui, um percurso teórico aborda diferentes perspectivas dos estudos sobre a cultura visual, em especial sobre as fotografias, na cena acadêmica, sobretudo, brasileira. O autor traça seu quadro de mirada na perspectiva dos estudos históricos que

utilizam as fotografias. Nessa perspectiva, a fotografia é vestígio do passado e, através dela, pode-se alcançar o social, foco privilegiado da análise histórica. Nas suas palavras, as fotografias só possuem sentido enquanto objetos de estudos sobre a sociedade. Entretanto, lidar com o visual e com as fotografias, conforme ressalta o autor, impõe buscar as formas de ver de outras disciplinas, como a Antropologia, a Literatura, a Semiótica, as Ciências da Informação. A multidisciplinaridade é um imperativo aos estudos da cultura visual e, quem sabe esta possa ser uma aproximação da tão propalada transdisciplinaridade.

O segundo capítulo, A década de 1930 e Porto Alegre, constitui-se em panorama histórico, no qual o autor parte dos aspectos econômicos, políticos e sociais mundiais, passando pela história do Brasil, até chegar ao contexto regional e da cidade de Porto Alegre. As páginas da Revista servem de fio condutor para a elaboração de um quadro histórico, no qual estão presentes acontecimentos como a ascensão dos regimes nazi-fascistas na Europa; a Guerra Civil Espanhola; o crack de 1929, nos Estados Unidos; a Revolução de 1930; o Estado Novo; a intervenção política no Rio Grande do Sul; as transformações urbanas na capital. Esse rol de acontecimentos apresentados pela Revista do Globo mostra o quanto um periódico auto-definido como de Variedades e de cultura e de vida social, no contexto investigado, não prescindia de oferecer aos

leitores matérias jornalísticas de cunho econômico, político e social. Embora esta não seja preocupação do autor, essa característica vem indicar a pluralidade de seu público leitor.

O terceiro capítulo, *A Revista do Globo e sua visualidade*, pretende apresentar aspectos da conformação visual do periódico. O livro equilibra texto escrito e conteúdo das imagens trazidas pela revista, tornando a leitura muito agradável e, de alguma forma, oferecendo uma possibilidade de exposição dos conteúdos visuais interpretados pela linguagem escrita. Analisando por amostragem um conjunto de 266 exemplares, foi objetivo do autor abordar a forma de composição do conteúdo e de sua diagramação. São analisadas as capas, várias delas criadas por artistas gaúchos, como Sotero Cosme, ou trazendo imagens emblemáticas do contexto de circulação do periódico, como a imagem de Mickey Mouse ou de Getúlio Vargas; os anúncios publicitários; as charges; as histórias em quadrinhos.

O quarto capítulo trata das imagens fotográficas, sendo intitulado *Tipologias Fotográficas: um perfil*. Conforme refere o título, o autor optou por agrupar em conjuntos com conteúdo recorrente as imagens fotográficas de modo a poder apresentá-las de forma organizada. Nessa perspectiva, estão expostas imagens de personagens políticos; personalidades; eventos sociais e culturais; clubes; escolas; crianças; mulheres. Não se constitui em pretensão do autor, uma análise das imagens fotográficas propriamente ditas. O quarto capítulo é muito mais uma apresentação, acompanhada de descrição e breves inserções nas problemáticas que as imagens poderiam suscitar, tais como representações do feminino e questões de gênero, por exemplo.

Distanciando-se de obra puramente acadêmica, a proposta preocupa-se em apresentar um leque de possibilidades para aqueles desejosos de seguir as investigações em cultura visual. Para o grande público, certamente, é obra de prazerosa leitura e que dá a conhecer um importante veículo editorial que marcou época.

Pautando-se pelas informações contidas na própria revista, o autor furta-se de oferecer informações valiosas sobre o surgimento da *Revista do Globo*, empreitada editorial levada a contento pela Livraria do Globo, denominada Editora Globo a partir de 1956, e considerada a mais importante editora do Brasil, fora do eixo Rio e São Paulo, nos anos 1940. A revista foi dirigida, inicialmente, por Mansueto Bernardi e, posteriormente, por Erico Veríssimo. Seus idealizadores pretendiam que esta fosse um periódico de maior perenidade em relação a outras iniciativas que haviam naufragado nas primeiras décadas do século XX, como *Kodak*, *Máscara* e *Madrugada*. A revista deveria ser moderna e afinada com o ambiente cosmopolita e cultural da capital do Rio Grande do Sul no final dos anos 1920. Constituíam-se em periódico quinzenal com conteúdo de leitura relacionado às variedades. Cultura e vida social faziam parte do universo a ser explorado pela revista, através de matérias versando sobre literatura, artes, cinema, principalmente. A *Revista do Globo* também se tornou veículo de divulgação literária, seja das traduções de contos e artigos feitos pelo próprio Érico, seja das obras editadas pela Livraria, seguindo filão explorado por Monteiro Lobato na *Revista do Brasil*.

A obra de Cláudio de Sá Machado Junior, ainda, assume relevância no contexto atual, em que o campo dos historiadores tomou

conhecimento do desaparecimento de acervos públicos da cidade de exemplares das revistas Kodak e Kosmos. Quando documentos de inestimável valor histórico e cultural são subtraídos do acesso público, as iniciativas que visam preservar os acervos históricos e divulgar o conteúdo desses documentos, como o faz a obra em questão, resta-nos aplaudir e desejar que outras mais venham na mesma direção.